

Seja
o que
DEUS
quiser!

Sumário

1. Sinopses	pág. 3
2. Sobre o filme, Ismail Xavier	pág. 4
3. Ficha Artística	pág. 6
4. Ficha Técnica	pág. 7
5. Os atores	pág. 8
6. O diretor	pág. 13
7. A música	pág. 16
8. A equipe	pág. 17
9. Investidores e Co-produtores	pág. 20
10. Cadê a mãe? Por José Carlos Avellar	pág. 21
11. Filmografia do diretor	pág. 24

SINOPSE CURTA

O músico carioca PQD (Rocco Pitanga), entra numa roubada nas mãos de um garotão da *nite* (Caio Junqueira), quando vai a São Paulo tentar convencer VJ da MTV (Ludmila Rosa), que não teve nada a ver com o assalto que ela sofreu no Rio. A partir daí, *seja o que Deus quiser!*

SINOPSE

Cacá, VJ da MTV de São Paulo, vai ao Rio de Janeiro fazer reportagem sobre uma nova banda formada por moradores do Morro do Alemão. Durante a gravação ela conhece **PQD**, um dos músicos, e acaba tendo um caso com ele. No dia seguinte, enquanto PQD vai à padaria comprar o café da manhã, dois pivetes invadem sua casa, seqüestram Cacá e a levam até um caixa eletrônico. Nervosa, ela erra a senha e invalida o cartão, sofrendo as consequências por sua falha. Na delegacia, machucada, apresenta queixa contra PQD.

O músico é surpreendido com a notícia de que a polícia está subindo o morro atrás dele. Não vê outra alternativa senão ir para São Paulo convencer Cacá de sua inocência. Mas, acaba caindo nas mãos do irmão da VJ, **Nando**, um "kid just for fun" da noite paulista, que tenta convencer o músico carioca a dar um golpe para, com a grana, fazerem uma farra. A partir daí, então, *seja o que Deus quiser!*...

SEJA O QUE DEUS QUISER!

(ATENÇÃO: COM EXCLAMAÇÃO, POR FAVOR)

2003 - 87 minutos - censura 16 anos

Em 1996 Murilo Salles já era um cineasta experiente, formado nos tempos em que Cinema Novo e Cinema Marginal disputavam os rumos de nosso cinema, com uma carreira de diretor de fotografia, seguida pelo trabalho como diretor de vários curtas e cinco longas. Naquele incerto momento pós-Collor, Murilo apresentou ao país *Como nascem os anjos*, filme fundamental para o chamado "cinema da retomada", por ter reposto em pauta, sob formas contemporâneas, a escandalosa desigualdade social brasileira. O filme foi inaugural na criação de motivos que se tornariam marcantes ao longo da década seguinte: uma situação de impasse criada pelo encontro inusitado entre personagens vindos de pólos sociais opostos, a TV como referência onipresente e mediadora das ações, os favelados tentando superar a estigma (e a opressão) do narcotráfico pela alternativa integradora da performance musical.

Seja o que Deus quiser! Retoma e aprofunda caminhos abertos pelo pioneiro filme anterior. Novamente, a comédia de erros é o modo de dar forma dramáticas às relações entre ação individual e padrões sociais. Em *Como nascem os anjos* a sucessão meio absurdas de equívocos envolviam não só tensões interclassistas, como "mancadas" entre os pobres, que acabavam por precipitar a catástrofe. Na História de PQD, jovem músico negro e pobre que se vê enredado num mundo que lhe é estranho, quem age, de golpe em golpe, são os jovens "moderninhos" da elite.

O título, *Seja o que Deus quiser!*, já anuncia a ironia: a aparência errática e vertiginosa assenta-se sobre os pilares de nossa tradição de "ordem e progresso". O que "Deus quer" é cruel, como descobre PQD. Sujeito cordato e de boa vontade, armado de versos de rap e partido alto, ele é exceção, vítima de um enxame de figuras vampirescas "plugadas" nos circuitos de um "outro planeta", movidos a narcisismo e música eletrônica.

De início, vislumbra-se uma ponte sobre o abismo do quase-apartheid nacional: a aproximação charmosa do músico da favela e da VJ da MTV, Cacá, sugere a possibilidade talvez, de uma comédia romântica de integração social, na qual o valor de PQD poderia sobrepujar percalços e mal-entendidos. Mas o tom farsesco não demora a se estabelecer, ganhando impulso nos comportamentos grotescos dos malandros do asfalto virtual. O traço caricatural do desenho dos personagens que cercam PQD ajudam a compor a imagem da sociedade como engrenagem implacável, que tritura o herói e sua ingênua crença ética, segundo o qual "tudo vai se resolver se a gente conversar numa boa".

Nando, o irmão de Cacá, é mestre se cerimônias da comédia de erros. Ele é "puro estilo" em roupas, trejeitos, fala, sexo, drogas e baladas. Sua amiga Ruth, com seu apartamento de história

em quadrinhos, lhe faz par na vida vivida como vídeo game canalha, onde tudo e todos são ou objetos de prazer ou instrumentos para o próximo lance, o próximo golpe, que os fará mudar de fase e ir para "uma rave em Botswana". Tudo ágil, mágico e colorido, como uma navegação "speed" na internet.

Através da mãe de Nando a farsa amplia seu diagnóstico social. Ele e Cacá vem de uma família de ares aristocráticos e antepassados militares, que vivem momentos finais de decadência, deixando aos filhos somente a herança da desenvoltura dos bem nascidos.

Marília Pêra interpreta Dona Fernanda num tom levemente maluco, de quem perdeu o pé, mas não perdeu a pose. Murilo Salles caracteriza o clima de dissolução que envolve a família pelo esvaziamento do "palácio" (como chama Ruth) onde vive Dona Fernanda, entre poucos móveis e objetos de arte, prontos para serem vendidos. O diretor retoma noutra chave, um recurso de *Nunca Fomos Tão Felizes*, onde o esgarçamento do laço familiar causado pela ausência do pai militante tinha como cenário um apartamento vazio.

É deste vazio que vem a palavra final concedida a matriarca, que abençoa o sucesso da prole numa cena social feita de aparências, pose e oportunismo ágil, navegando entre "virtualizações" de tempo, espaço, subjetividades e história. A nova onda recobre, com estilo, seu compromisso de continuidade da tradição, pois não é outra sua lógica senão a da violência e da exclusão.

Seja o que Deus quiser! Acaba por concluir que, apesar de tantas novidades, as coisas não mudaram muito.

Ismail Xavier e Leandro Saraiva

(este texto foi escrito originalmente para o Centro Cultural Banco do Brasil dentro do evento Encontros com o Cinema Brasileiro em São Paulo)

ELENCO

Marília Pêra como Dona Fernanda, a mãe na *neura*
Rocco Pitanga como PQD, o carioca na roubada
Ludmila Rosa é Cacá, a VJ cheia de atitude
Caio Junqueira é Nando, o garotão muito louco
Débora Lamm, a mina conectada Ruth

Participações Especiais:

Nicete Bruno, como a velha maluca
Marcelo Serrado, como Zé Henrique, o namorado na *nóia*

Participações Afetivas:

Antônio Pompeu, vendedor da cachorro quente
Elisa Lucinda, a mãe de PQD
Nildo Parente é o delegado carioca
Frejat como ele mesmo

Elenco: Sabrina Greve (Fatinha), Bárbara Paz (Tati), Silvio Guindane (pivete do morro), Tânia Ripardo (Clô), Lúcio Andrey (pivete do morro), Fernando Fecho (Marcelo), Rômulo Marinho Jr. (By Side), Paula Garcia (Paulinha), Jonathan Haagensen (Cassú), Guti Fraga (coordenador projeto Musicacão), Daniel Granieri (Dany), Stela Prata (Stela).

FICHA TÉCNICA

Produtora: Cinema Brasil Digital

Produção e Direção: Murilo Salles

Escrito por Murilo Salles com colaboração de João Emmanuel Carneiro e Maurício Lissovsky

Produtora Associada: Zita Carvalhosa

Produção Executiva: Flávio Frederico / Rômulo Marinho Jr. - RJ

Direção de Fotografia: Gustavo Hadba

Montagem: Pedro Amorim

Música: Instituto

Direção e Produção de Arte: Dárida Rodrigues / Mônica Costa - RJ

Figurinos: Lais Salles / RJ: Marise Vonklay

Produção de Elenco: Sérgio Luz / Pedro Paulo de Souza

Conceituação da Direção de Arte: Jair de Souza / Pedro Paulo de Souza

Direção de Produção: Mirela Zunino / Guto Vaz - RJ

Assistente de Murilo Salles: Simone Ruotolo

Assistente de Direção: Geraldo Motta / Pedro Paulo de Souza / Hsu Chien Hsin - RJ

- . Festival do Rio BR, Set. / Out. 2002 Prêmio Melhor Filme Júri Popular
- . Seleção Oficial do XXV Festival Internacional de Moscou 2003

Som Dolby Digital - 87 minutos - 16 anos - Brasil, 2003

ELENCO



Os quatro anos no Morro Chapéu Mangueira, no Leme, encurtaram a distância entre o ator Rocco Pitanga, 23 anos, e seu personagem, o MC PQD. Mas a experiência vivida pelo filho do ator Antonio Pitanga e irmão da atriz Camila Pitanga não foi a senha para penetrar no universo do protagonista, um jovem *boa-praça*, morador do Complexo do Alemão, que busca no hip hop um rumo para o seu futuro. O encontro com o personagem só aconteceu pouco antes do início das filmagens, em São Paulo.

Rocco hospedou-se por duas semanas numa casa simples, de dois cômodos, em Vigário Geral. Lá moravam uma senhora com seus quatro filhos e mais três netos. As dificuldades que eles enfrentam são tremendas, mas nem por isso faltou diversão durante a permanência do ator em Vigário.

"Vivi a realidade do PQD. Soltei pipa, joguei bola, fui à baile funk e até pesquei no valão"

A participação no filme de Murilo Salles marcou a estréia do ator no cinema. Com o tempo, ele se acostumou com o dia-a-dia num set. *"No início, estranhei o fato de a filmagem não obedecer à ordem das cenas no filme"*, conta. O estranhamento é compreensível, já que sua formação é teatral. Rocco estudou no Tablado e na CAL, duas conceituadas escolas de interpretação no Rio de Janeiro. Em 2000, atuou no espetáculo *A Mulher Sem Pecado*, de Néelson Rodrigues. Em 2002, participou da novela *Desejos de Mulher*, da TV Globo. No filme, PQD parece estar diante da grande chance de sua vida ao conhecer Cacá (Ludmila Rosa), repórter paulista da MTV que visita a favela para fazer uma matéria com músicos locais. A partir desse encontro se desenrola uma trama rocambolesca, uma comédia de erros com conseqüências desastrosas para o protagonista.

"PQD é um cara romântico e ingênuo, mas o mundo parece conspirar contra ele. O fato de ser pobre faz com que todos duvidem de sua honestidade. E, como sabemos, a corda sempre arrebenta no lado mais fraco".

Qualquer semelhança com a vida real não é mera coincidência



Nando (Caio Junqueira) é um jovem com muito pique e nenhuma ética. Seu mundinho é povoado por personagens da noite paulistana, em busca de emoções baratas em festas de música eletrônica. Infeliz de PQD, que cruzou com o garotão justamente quando foi para São Paulo, tentar limpar sua barra com Cacá (Ludmila Rosa), irmã do rapaz. Nas mãos de Nando, o protagonista acaba se metendo numa grande encrenca, que termina com a sua prisão. Já o malandro da classe média paulistana leva a melhor.

"Nando é um jovem dissimulado que faz tudo em nome da diversão e para fugir da realidade careta. Ele é coberto por um entusiasmo inconseqüente, que o leva a cometer loucuras" diz Caio.

O ator passou um mês em São Paulo antes das filmagens, para ganhar intimidade com o mundinho clubber.

"É claro que tive a ajuda das equipes de figurino, de arte e da direção, que me apresentaram os lugares e as roupas usadas pela tribo", diz.

Suas cenas foram concluídas em três semanas. Nesse período, o ator manteve contato direto com o diretor Murilo Salles. *"Ele me deu toda a atenção que eu precisava e liberdade para compor o personagem".*

Caio Junqueira tem larga experiência no cinema. Ele atuou em diversos filmes, como *Abril Despedaçado* e *Central do Brasil*, ambos dirigidos por Walter Salles, *For All - O Trampolim da Vitória*, de Buza Ferraz e Luiz Carlos Lacerda, *O Que É Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto, entre outros. Também trabalhou em novelas como *Um Anjo Que Caiu do Céu* (2001) e *A Viagem* (1994)



A atriz Débora Lamm, 25 anos, faz o tipo caseiro, que gosta de namorar firme e é fã dos *Doces Bárbaros* e dos *Novos Baianos*. Um perfil meio careta aos olhos da descolada Ruth, sua personagem em *Seja O Que Deus Quiser!*. No filme, Ruth é o protótipo da jovem *atenada*, disposta a consumir o máximo que o mundo moderno pode oferecer. Sua rotina é dividida em navegações na Internet, maratonas em *raves* e *junkie food* nas horas vagas.

"Ruth é daquelas figuras que nasceram para se divertir, seja lá como for", explica.

Débora teve que decifrar tudo que faz parte do mundinho do seu personagem. Para isso, ela enfrentou situações bem distantes do seu dia-a-dia no Rio de Janeiro. Durante um mês, freqüentou festas de música eletrônica em São Paulo e desfilou pela badaladíssima Rua Oscar Freire, no Jardins. Também cortou um dobrado para reproduzir o sotaque paulista com fidelidade.

"Ficava no meio da rua puxando papo com desconhecidos até ficar convencida de que tinha conseguido", conta a atriz.

Débora faz aula no Tablado desde 1997 e participou de duas novelas na Globo: *O Anjo Que Caiu do Céu*, em que interpretou a estudante de moda Alice, e a mais recente *Sabor da Paixão*. A atriz também está no elenco da próxima novela das oito, *Celebridades*, de Gilberto Braga. Ruth foi o primeiro papel da atriz na telona.

"Trabalhar com o Murilo foi um luxo. Seu cuidado com a imagem é impressionante"



Durante um ano, Ludmila Rosa, 29 anos, apresentou o programa *Erótica*, da MTV. Meio caminho andado para a talentosa atriz conquistar o papel de Cacá, uma repórter paulista da emissora, pautada para fazer uma reportagem com músicos do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Concluído o trabalho, a personagem acabou tendo um caso com o músico PQD (Rocco Pitanga). A aventura deixou a moça em maus lençóis.

De manhã, Cacá foi surpreendida por dois pivetes que invadiram a casa do rapaz, enquanto ele estava fora. No fim das contas, ela acabou sendo agredida pelos marginais e, desconfiada, denunciou PQD injustamente à polícia. Cacá vem de uma família abastada, mas que perdeu toda fortuna com o tempo.

"Ela é uma mulher bem-sucedida na profissão, ambiciosa, que passa por cima da ética em nome do status", descreve a atriz.

Divergências à parte, Ludmila diz que evitou qualquer julgamento precipitado sobre a conduta de seu personagem. *"Procurei interpretá-la sem moralismos"*, defende. Ludmila utilizou um método bem particular para dar vida à Cacá.

"Colei fotografias de roupas, perfumes e tudo que tivesse a ver com o personagem em um caderninho", conta.

Antes de sua primeira aparição no cinema, Ludmila já tinha experiência no teatro. Em 1994, a atriz baiana mudou-se para São Paulo, onde começou a atuar em espetáculos dirigidos por Antunes Filho. Mais tarde, trabalhou com Gerald Thomas. Na TV, participou da série *Chiquinha Gonzaga*, dirigida por Jayme Monjardim.



O ator nunca tinha trabalhado com Murilo Salles, até interpretar o personagem Zé Henrique, em *Seja O Que Deus Quiser!*. O ator, que já era fã do diretor, ficou satisfeito com o resultado da experiência. No filme, Zé Henrique é o namorado da repórter paulista Cacá (Ludmila Rosa), que fica cismado quando reencontra a VJ toda machucada, de volta à São Paulo. "Ele fica com a pulga atrás da orelha, mas não pode fazer nada" conta Marcelo.

Os cinco dias de filmagem foram ótimos de acordo com o ator. Ele sentiu a equipe muito integrada durante todo o tempo das filmagens. O espírito de liderança de Murilo e sua relação com todos os atores interferiram no resultado final. "A clareza de propósitos do Murilo ajudou muito na hora orientar o trabalho dos atores e de conduzir as cenas. O Murilo é um profissional muito atento, que sabe tudo sobre câmara. Ele fala para gente exatamente o que quer, ao pé do ouvido", lembra Marcelo.

O ator possui grande experiência em telenovelas, tendo atuado em *Sabor da Paixão* (2002), *Porto dos Milagres* (2001), *Por Amor* (1997), *O Dono do Mundo* (1991) e *Mico Preto* (1990).

DIRETOR



Murilo Salles é cineasta brasileiro. Fotografa, escreve, produz e dirige filmes desde 1970. Seus longas como diretor são: "Nunca fomos tão Felizes" de 1984; "Faca de dois Gumes" de 1989; "Todos os corações do Mundo" de 1995; "Como nascem os Anjos" de 1996 e "Seja o que Deus quiser!" de 2003.

Qual é a intenção de *Seja O Que Deus Quiser!* e como você poderia defini-lo?

Quando eu fiz *Como Nascem Os Anjos*, fiquei com uma espécie de débito comigo mesmo. Queria criar uma reviravolta naquela comédia de erros de fim tão trágico. Em *Seja O Que Deus Quiser!*, eu me dei de presente a possibilidade de chutar o pau da barraca. Quis ir na contramão de certas estruturas arcaicas da narrativa do cinema americano, da noção do mocinho e do vilão. Porque todo mundo é do bem, é do mal, é perverso, é otário e é malandro. PQD (Rocco Pitanga) pode ser o protagonista, mas em nenhum momento conduz a trama, como era de se esperar. Pelo contrário, ele um cara ingênuo, entregue ao acaso e à ação de outros personagens. A cada momento, um personagem diferente toma as rédeas da situação, como se fosse uma corrida de revezamento. Da mesma forma, Nando (Caio Junqueira) é antagonista até certo ponto. Na verdade ele é o *Gerson*, quer se dar bem acima de tudo e de todos, em nome do seu prazer. Eu gosto muito de fazer essas brincadeiras. Há também uma quebra de gênero no filme, que começa com um tom meio violento e acaba virando quase uma ópera pop gay. Por outro lado, se você não percebe nada disso, você também se diverte.

Você acha que o comportamento ingênuo do protagonista, um jovem morador de uma favela carioca, pode ser encarado como romântico para os dias de hoje?

Muitos podem questionar, ao ver o filme, como o malandro carioca pode ser tão indefeso e sem malícia. PQD é a continuação do personagem Japa, de *Como Nascem Os Anjos*. Um camarada muito romântico, boa gente, de uma inocência que remete a filmes lançados nos anos 60, como *Cinco Vezes Favela* e *A Grande Cidade*. Mas eu acho que isso é totalmente possível hoje. Essa demanda do malandro carioca espertalhão é totalmente clichê e preconceituosa. Faz parte dessa *satanização* do morro e de seus moradores. É uma visão superficial, por conta da violência no Rio de Janeiro. Achar que na favela só tem marginal é, no mínimo, uma generalização. No morro, as contradições são muito grandes e as tentações, tamanhas. Ou você é de Deus ou é do diabo. Ou

ocês são do bem, ou são bandidos. Por outro lado, a classe média hoje pode produzir um malandro muito mais vil do que o do morro, por causa dessa mania inaceitável de querer se dar bem a qualquer preço.

Você nasceu em 1950, fez parte da geração de 68. Isso interfere na hora de fazer um filme como *Seja O Que Deus Quiser!*, que aborda a cena clubber paulista?

Algumas pessoas se assustam com o fato de alguém de 52 anos fazer um filme como *SQDQ!*. Na adolescência, gostava de compositores ligados à vanguarda. Eu adorava o compositor alemão Stockhausen. Mais tarde, já no fim dos anos 70, conheci o Kraftwerk. A aceitação do brasileiro por esse tipo de música atualmente tem a ver com a nossa capacidade de assimilar as mais diferentes informações. Somos um povo híbrido, com uma tremenda capacidade de adaptação. No filme, a música eletrônica aparece para servir à narrativa e aos personagens. Não faço do filme uma plataforma de divulgação da cultura clubber, propriamente. Também não existe a intenção de divulgar a música eletrônica no Brasil. É um filme sobre pessoas bem específicas e suas referências. O que é a casa da Ruth (Débora Lamm), por exemplo? Parece cenário do Cartoon Network.

Mas trabalhar com uma equipe jovem ajudou, não foi?

Claro que sim. Procurei então a produtora Zita Carvalhosa, para ser a minha fada-madrinha em São Paulo. Ela indicou o Flavio Frederico, com quem já tinha trabalhado anteriormente. Ele tem uma cabeça de produtor tremenda. Foi ele quem formou a equipe para mim. Quando eu entrei no set, pensei: 'meu Deus, não conheço quase ninguém'. E no fim das contas, deu tudo certo. A única pessoa que eu levei foi o Gustavo (Hadba, que assina a fotografia), com quem eu não trabalhava há mais ou menos vinte anos. Eu o chamei porque o filme teria muita intervenção de câmera e não tinha dinheiro para fazer uma tremenda fotografia. Dessa forma, tinha que encontrar alguém que apresentasse boas soluções em termos de imagem mesmo com a minha falta de dinheiro. Foi perfeito. Este é um filme que não espelha a falta de dinheiro com que foi feito. Ele custou um milhão e seiscentos mil reais e tem uma fatura visual bem sofisticada. Nesse sentido, os estúdios Mega foram parceiros fundamentais. O som de meus dois últimos filmes foi feito no exterior. Em *Seja O Que Deus Quiser!* tudo foi resolvido no Brasil, graças ao investimento dos estúdios Mega. Concluí que hoje temos uma tecnologia de ponta para a finalização em cinema. Não preciso mais ir aos EUA para ter um filme tecnicamente de primeiro mundo.

Como você começou a pensar o filme?

Cineastas são seres engraçados, que têm o cotidiano tomado pelas possibilidades de se fazer cinema. Eu achava que me preocuparia apenas com questões da narrativa. Agora eu sou possuído pelo desafio de arrumar dinheiro para contar a minha história. Eu queria fazer um filme que me desse novas possibilidades. Daí pintou a vontade de incorporar essa histeria pop brasileira. Procurei fazê-lo sem cair no juízo moral.

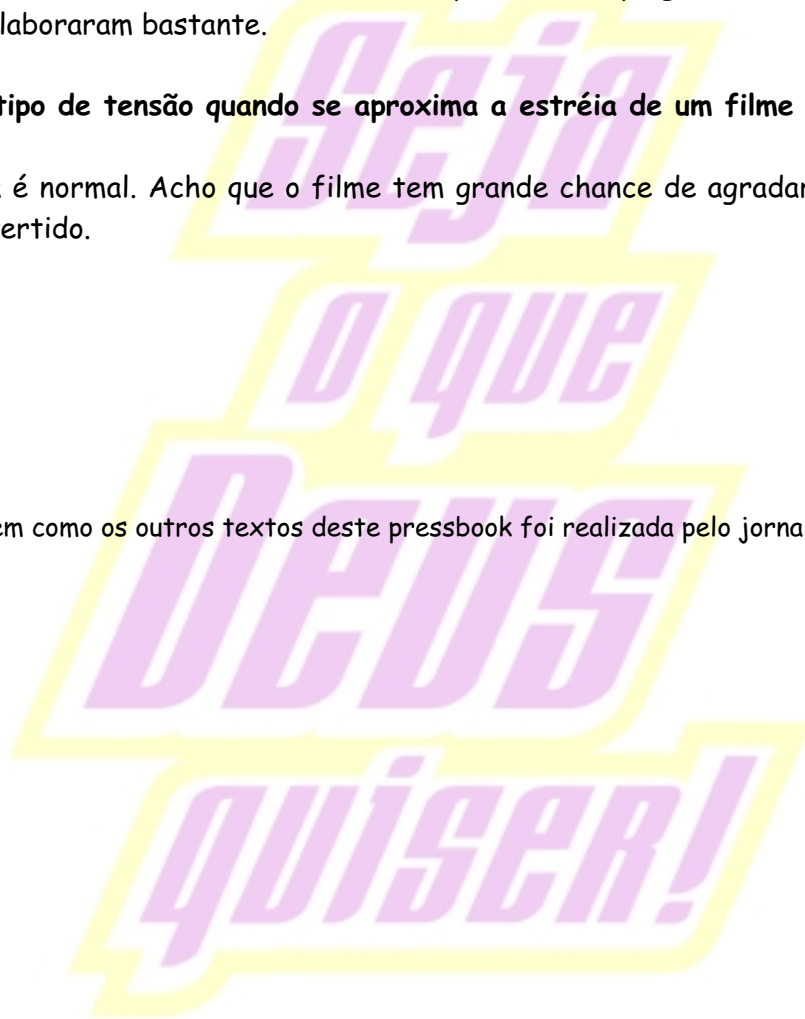
As filmagens duraram quanto tempo?

Foi tudo muito rápido: cinco semanas em São Paulo e oito dias no Rio de Janeiro. No total foram pouco mais de seis semanas. Ele foi feito nesse espaço de tempo graças a todos os profissionais envolvidos, que colaboraram bastante.

Você vive algum tipo de tensão quando se aproxima a estréia de um filme seu?

Criar expectativa é normal. Acho que o filme tem grande chance de agradar à molecada, porque ele é bastante divertido.

(esta entrevista, bem como os outros textos deste pressbook foi realizada pelo jornalista Gustavo Autran)



Trilha Sonora Instituto + parceria de Pierre Aderne e Eugênio Dale

O **Instituto** é um misto de selo, estúdio e núcleo de produção que celebra a liberdade de expressão. Ele foi criado pelos produtores Rica (Ricardo) Amabis e Tejo Damasceno, dois ratos de estúdio que mantêm seus ouvidos plugados com as novas possibilidades musicais do pop brasileiro, a partir de recursos eletrônicos. Pouco depois a dupla ganhou o reforço de Daniel Ganja Man, engenheiro de som e produtor que tocara com o pernambucano Otto e o grupo Planet Hemp. Juntos, eles procuraram artistas que adotassem caminhos e sonoridades semelhantes. As diversas referências musicais exploradas pelo Instituto estão perfeitamente afinadas com o universo jovem e urbano retratado em *Seja O Que Deus Quiser!*.

"O filme chegou montado para a gente. A partir das imagens, procuramos dar a nossa versão para elementos presentes na trama", conta Rica.

Em cerca de três semanas, o **Instituto** preparou uma trilha que aponta para diversas direções, entre elas o hip hop, o raggamuffin e o drum'n'bass. Para compor os temas, os integrantes recorreram a uma ampla rede de colaboradores. A cantora Paula Lima, por exemplo, emprestou o vozeirão para a releitura de *Márcio, Leonardo e Telmo*, composta por Tim Maia nos anos 70. A música já tinha sido gravada por Rica Amabis no seu primeiro disco, *Sambadelic*, lançado em 1999. O cantor e compositor Fernando Catatau, da banda cearense Cidadão Instigado, foi parceiro de Daniel Ganja Man em *Spielberg Rhodes*. Ele também é o autor das faixas *Maquiagem e Conversa*. Fernandinho BeatBox é o responsável por *Intro Box*, música abre-alas do filme. "O processo foi muito divertido. tivemos liberdade para fazer o que entendíamos ser o mais legal", conta Amabis. A única recomendação de Murilo foi a inclusão de uma versão "bem atual" da envenenada *Rua Augusta*, hino da juventude transviada no Brasil, composto pelo mineiro Hervé Cordovil na década de 60. Na nova gravação, a voz é do rapper Funk Buia, do grupo Záfria Brasil.

O único tema que não foi criado pelo **Instituto** chama-se *Cosme & Damião*, parceria de **Pierre Aderne** e **Eugênio Dale** que aborda o cotidiano dos moradores de favelas. A melodia, de acordo com Pierre, tem um molho samba-rock. "Usamos cavaquinho elétrico e tamborins, para dar bastante suíngue", conta. A música também vai fazer parte do novo disco do compositor, *O Ovo*. O clipe de *Cosme & Damião*, gravado no Cine Odeon, tem imagens do filme.

Produtor Executivo Flávio Frederico

O produtor executivo é o profissional que cria todas as condições para a execução do filme, a partir do orçamento disponível. Antes de dar início às filmagens em São Paulo, Murilo procurou uma boa indicação para a função. O nome de Flávio Frederico surgiu após conversas com a produtora Zita Carvalhosa, diretora do Festival Internacional de Curtas de São Paulo. Flávio é diretor de curtas-metragens premiados, como *Todo Dia Todo* (1998), vencedor do Prêmio Técnico do Festival do Rio. Também dirigiu o longa *Urbânia*, de 2001. O maior desafio em *Seja O Que Deus Quiser!* foi driblar as dificuldades impostas pelo baixo orçamento.

"Tivemos que tirar leite de pedra para criar soluções criativas, até porque filmamos durante a crise de energia no Brasil, quando os apagões eram freqüentes. Mas o Murilo é um profissional acostumado a filmar bem em condições difíceis e isso ajudou muito", conta Flavio.

Outra preocupação foi formar uma equipe jovem, que tivesse intimidade com o universo retratado pelo filme. Ao todo, foram seis semanas de filmagem, em São Paulo. *"Foi um trabalho muito prazeroso, que contou com a devoção de toda a equipe. Isso interferiu positivamente no resultado final",* conta Flavio Frederico.

Gustavo Hadba Fotografia

Gustavo Hadba foi assistente de câmera em *Nunca Fomos Tão Felizes* (1984), primeiro filme dirigido por Murilo Salles. Quase vinte anos mais tarde, *Seja O Que Deus Quiser!* marca a estréia de Gustavo como diretor de fotografia em longa-metragem.

"São duas experiências cheias de simbolismo que marcaram a minha trajetória no cinema", considera.

Antes de debutar no posto, Gustavo trabalhou como operador de câmera em uma infinidade de filmes, entre eles *Deus é Brasileiro* (Cacá Diegues, 2003), *Orfeu da Conceição* (Cacá Diegues, 1999), *Bossa Nova* (Bruno Barreto, 2000), *For All - O Trampolim da Vitória* (Buza Ferraz e Luiz Carlos Lacerda, 1997), *Coração Iluminado* (Hector Babenco, 1996) e *Veja Esta Canção* (Cacá Diegues, 1994). A experiência de Murilo Salles em fotografia contou pontos *"Murilo sabe até aonde podemos chegar em termos de imagem, dependendo das condições de luz existentes. Esse conhecimento técnico era primordial já que não tínhamos dinheiro para fazer nada espetaculoso",* conta Gustavo. A camaradagem e o clima das filmagens também foram importantes. *"O assistente de câmera, o eletricitista, o maquinista, todos estavam na mesma freqüência",* conta Gustavo.

Concepção de Arte **Jair de Souza** **Pedro Paulo de Souza**

O trabalho realizado por Jair de Souza e Pedro Paulo de Souza foi fundamental para introduzir o diretor Murilo Salles e parte dos atores no universo abordado no filme. O objetivo desta espécie de cartão de embarque foi aproximar a equipe do contexto que compõe a trama, para evitar distorções com a realidade. *"Fiz uma espécie de ponte entre a direção e a produção de arte"*, explica Pedro Paulo, carioca que mora em São Paulo há mais de dez anos. Pedro também teve papel importante no trabalho de laboratório de Caio Junqueira e Débora Lamm. Foi ele que ambientou os atores na movimentadíssima cena eletrônica paulista.

"Demos um rolê pelos clubes mais conceituados de São Paulo, como a Lov.e e A Lôca. Só mesmo indo a campo é que dá para compreender de verdade o comportamento e a atitude das pessoas. Só assim é possível alcançar a dimensão humana desses personagens", conta Pedro Paulo.

Ele também chegou a levar Murilo em algumas dessas festas. *"Murilo é um profissional aberto, sem opiniões preconceituosas"*, conta. Pedro também acompanhou, pela internet, as discussões sobre o roteiro, travadas por um grupo de estudos no Rio. Jair ficou quatro dias na capital paulista, visitando locações com o diretor. Bem antes da viagem, eles conversaram longamente para criar a atmosfera ideal das filmagens. *"Fiz uma construção conceitual e subjetiva que contribuiu para Murilo alcançar a essência de seu filme"*, diz Jair, que já trabalhou com o diretor em diversas ocasiões.

Direção de Arte **Dárida Rodrigues**

Seu trabalho teve início antes da fase de pré-produção, quando fez uma pesquisa de referências estéticas importantes para reproduzir o universo *clubber*, abordado pelo filme. *"Contei com a ajuda de todos nesse processo e depois entreguei o material para toda a equipe"*, explica. Dárida cumpriu uma via-crucis por apartamentos e boates de São Paulo até chegar às locações ideais, ao lado do diretor Murilo Salles. Depois, tratou de compor cada cenário de acordo com o perfil dos personagens envolvidos. O apartamento de Ruth (Débora Lamm), na esquina da Rua Augusta com a Alameda Franca, ganhou um visual todo moderninho. Já a casa da perua falida Dona Fernanda, personagem de Marília Pêra, tinha móveis e objetos de decoração empilhados por todo canto, para dar um ar decadente. *"O perfil dos personagens é fundamental na hora de caracterizar o ambiente"*, conta Dárida. As locações usadas nas externas também foram modificados. *"A gente interfere no cenário da forma mais conveniente para a realização da cena"*, explica. O filme é a sua terceira experiência com longa-metragem. Antes, ela trabalhou na produção de arte em *Contos de Lygia* (1998), do diretor Del Rangel, e na produção de objetos de *Domésticas* (2001), de Fernando Meirelles. Trabalhar com Murilo foi um prêmio.

"Ele tem ótimo olhar e sabe aonde quer chegar. Isso passa segurança para toda a equipe", diz Dárida.

Pedro Amorim Montagem

Pedro Amorim, 25 anos, fez a montagem do documentário *2000 Nordestes* (2000), dirigido pelo irmão, Vicente Amorim, e David França Mendes. O resultado final agradou o diretor Murilo Salles, que o convidou para fazer parte da equipe de seu novo filme. A verba recebida impôs seus limites, mas também proporcionou soluções bastantes criativas. O trabalho de montagem, que durou cerca de dois meses, foi executado com o auxílio do *Final Cut*, um programa de edição bastante acessível. "Acho que conseguimos chegar a uma linguagem ágil e moderna, mantendo os pés no chão", conta Pedro. Depois de concluir o trabalho em *Seja O Que Deus Quiser*, ele acabou emendando em mais uma parceria com Murilo: a montagem de seu documentário *És Tu Brasil*, para a TV Cultura.

Lais Mathias Salles Figurino

Lais Mathias Salles, 38 anos, foi quem pensou os *modelitos* usados pelo núcleo *clubber* representado na trama. Para criar o visual dos personagens, ela recorreu a peças criadas por estilistas identificados com a cena eletrônica paulista. "É uma tribo que procura estar na vanguarda da moda, que se afirma usando roupas extravagantes e abusando nos acessórios", explica Laís. A concepção do figurino foi feita com a ajuda da direção de arte e dos profissionais da maquiagem. A maior parte das roupas veio da Galeria Ouro Fino, meca dos fashionistas que fica na Rua Augusta. "O Murilo é bastante peculiar na forma de dirigir. Ele é firme no que quer e não tem medo de transgredir", considera Lais. *Seja O Que Deus Quiser!* foi o terceiro longa em que Lais trabalhou como figurinista. Os primeiros foram *Discretion Assured* (Odorico Mendes, 1993) e *Urbânia* (Flavio Frederico, 2001).

INVESTIDORES E CO-PRODUTORES

Este filme foi produzido graças aos aportes de

RioFilme Distribuidora de Filmes Ltda.

Banespa

BR

BNDES

CBO

Contou com a co-produção de

Estúdios Mega

Megacolor

Cinecolor do Brasil

Quanta

Marília Pêra

Uma distribuição

Europa Filmes

M. A. Marcondes

RioFilme Distribuidora de Filmes Ltda.

Cadê a mãe?

PQD entra em casa agitado. Depois do aviso pelo celular - *alô. o que que houve? que? aqui? valeu! valeu!* - veio correndo para a casa da mãe - *cadê a mãe?* - para contar - *que é meu filho?* - que não sabe bem o que é mas a polícia está atrás dele. A mãe, pequena e magra diante do filho grandalhão, não diz nada, faz uma cara de quem está aborrecida e não acredita no que lhe diz o filho - *juro que não fiz nada mãe! deve ser um mal entendido* -, insiste no silêncio, deixando PQD desconcertado sem saber o que dizer - *pô, mãe, eu juro!* - até que finalmente solta uma repreensão com voz mais que zangada: *e vai ficar aí que nem uma barata tonta esperando a polícia chegar? Se manda, vai* - o que deixa PQD mais tonto ainda, a se lamentar, pensando em voz alta se teria de fugir da polícia que nem bandido. Ainda com gesto e voz firme, a mãe pega um pouco de dinheiro guardado num pequeno pote sobre a cômoda e dá uma ordem para o filho - *vá pra casa do tio Aurélio!* - antes de puxá-lo pela mão até a porta de casa e empurrá-lo para fora. O filho curva-se para um beijo na testa da mãe e sai correndo - *seja o que Deus quiser!* - sem saber ao certo o que fazer.

A cena, pequenina, é especialmente significativa. Não exatamente porque a ação seja um daqueles instantes de explosão, causa, impulso, ponto de partida ou de mudança de direção, essenciais para que a história que está sendo narrada avance. A história, a rigor, quase não avança aí, PQD parado e a mãe silenciosa antes da ordem: *vá pra casa do tio Aurélio*. O que o filme nos passa então não é um gesto ou uma fala cujo efeito se fará sentir de modo determinante sobre as ações seguintes, mas a compreensão do que é verdadeiramente fundamental: o conceito, a idéia, um certo sentimento de desamparo absoluto que organiza o particular universo dramático em que a história acontece. Estar ali é estar sem pai nem mãe - *seja o que Deus quiser!*

A expressão aponta o que para o senso comum representa o maior, o absoluto isolamento, o que de pior se pode imaginar em termos de abandono e desabrigo diante de uma situação adversa - sem pai nem mãe. PQD, em São Paulo, sem conhecer ninguém, o dinheiro roubado da mochila, perdido, sem voltar para casa, está exatamente assim: sem pai nem mãe. É em torno desta imagem de desproteção, de nenhum auxílio, que Murilo Salles, conscientemente ou não, vem construindo seus filmes. É assim que se sente o menino Gabriel de *Nunca fomos tão felizes* depois do sumiço do pai, que aparecera no colégio interno depois de longa ausência e o deixara sozinho num apartamento de Copacabana com a promessa de uma viagem para fora do país. E igualmente assim se sente o menino Cunha de *Faca de dois gumes* vítima de um seqüestro depois do assassinato da mãe e do desespero do pai pressionado pela polícia e vítima de chantagem. E ainda assim se sentem os dois meninos de *Como nascem os anjos*, Japa e Branquinha, dentro da casa de um americano, cercados pela polícia que suspeita de um assalto, depois do mal entendido e do tiro que feriu Maguila. Trata-se de expressar em imagens e sons em movimento, numa história de cinema, este mesmo sentimento de encontrar-se num certo momento sem pai nem

mãe - talvez porque esta uma sensação de algum modo pareça, ao realizador, traduzir a relação da gente comum com a sociedade.

O encontro entre mãe e filho, bem assim como ele se dá aqui, e bem assim como se dá também em *Como nascem os anjos* quando Maguila vai procurar a mãe para dizer que estão atrás dele e que ele tem que fugir, sumir por uns tempos, o olhar zangado, a fala irritada, o gesto duro mas afetuoso da mãe pequenina diante do filho grandalhão, é uma das imagens que demarcam um dos limites do espaço em que ocorrem as histórias contadas pelo diretor. Outra demarcação pode ser encontrada numa das últimas imagens vistas aqui, em *Seja o que Deus quiser!*, quase igual a uma das primeiras imagens de *Nunca fomos tão felizes*: PQD, sozinho, chutando a bola contra o muro repete o gesto do garoto Gabriel no colégio interno. Exagerando um pouco, talvez seja possível dizer que PQD e Gabriel sentem uma solidão parecida com a de Jorge de *Faca de dois gumes* vendo futebol na televisão depois do assassinato de sua mulher, ou com a de Japa de *Como nascem os anjos*, dançando na varanda da casa do americano como se tivesse nas mãos uma bola de basquete.

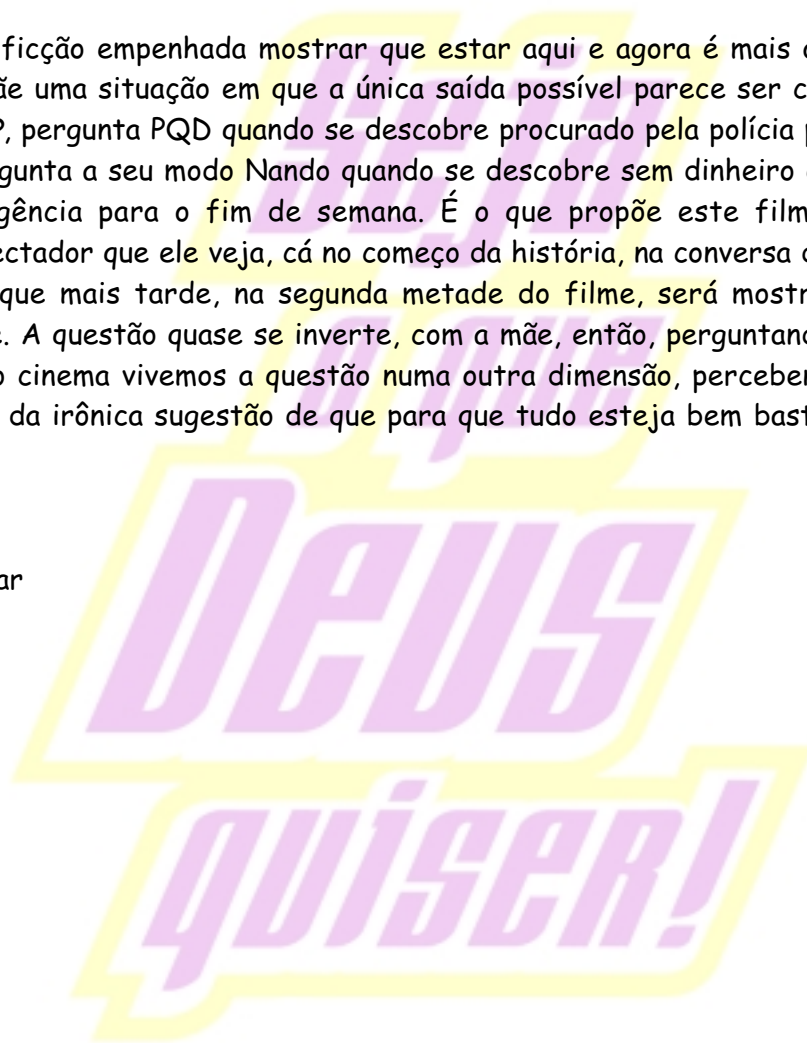
O desenho do personagem da mãe, pequenina e frágil, se reforça diante do contraste com a figura do filho: PQD (como o Maguila de *Como nascem os anjos*) é bem mais alto e forte que a mãe mas se comporta como menino assustado diante da mãe. Ele, o filho adulto, fala com voz baixa e meio engolida como uma criança, ela fala decidida e forte como mãe que repreende o filho mal comportado. O que vemos de verdade nesta imagem não é exatamente o que vemos mas algo que vai além do imediatamente visível e que é mais importante que ele, como se o que visível fosse apenas uma sombra, uma indicação do ponto em que se encontra a luz. Ou seja, digamos assim: a mãe aqui é e não é mãe. É menos mãe que uma possível figuração de um sentimento de proteção e abrigo (igual ao que a mãe ou a terra natal passa para o filho?). Assim como o pai (personagem que participa mais pela ausência que pela presença neste aqui e nos outros filmes do realizador) é menos pai que uma possível figuração de um sentimento complementar ao da proteção da mãe, o de um princípio racional, regulador (igual ao que o pai ou a pátria passa para o filho?). O pai, aqui, ausente mas vigilante, ao saber da polícia atrás do filho - *não quero saber quem está no erro* - diz que polícia atrás dele, não é bom - *assusta meu rebanho* -, mas como vai com a cara do filho dá 200 contos para ele sumir por uns tempos - *seja o que Deus quiser!*

Em São Paulo, procurando a Cacá, topando ao acaso com Nando, sem um tostão no bolso, PQD se descobre sem pai nem mãe entre gente solta no mundo como se nunca tivesse tido família alguma. É o filme, que já mudara de tom, saltando do rápido e tenso que vem até a conversa de PQD com a mãe para a atmosfera mais leve a irreverente a partir da chegada a São Paulo, muda uma vez mais com o aparecimento de uma outra figura materna. Tudo se torna mais abertamente uma farsa com a entrada em cena da mãe de Nando e de Cacá. A instância protetora, aqui, aparece

como uma figura desprotegida e desprestigiada pelos filhos. Como uma outra terra natal, também de pai ausente, mas outra. Ela existe (com os filhos miúdos e frágeis) num espaço diferente daquele em que vive PQD e em que viveu o Maguila de *Como nascem os anjos*. Espaços diferentes mas interligados, quase como se a existência de um se devesse à existência do outro. Ou explicasse a existência do outro.

Imaginemos uma ficção empenhada mostrar que estar aqui e agora é mais ou menos como viver sem pai e sem mãe uma situação em que a única saída possível parece ser correr para o colo da mãe. *Cadê a mãe?*, pergunta PQD quando se descobre procurado pela polícia por algo que não fez. *Cadê a mãe?*, pergunta a seu modo Nando quando se descobre sem dinheiro e precisando de dois mil paus com urgência para o fim de semana. É o que propõe este filme de Murilo Salles, sugerindo ao espectador que ele veja, cá no começo da história, na conversa de PQD com a mãe, o contracampo do que mais tarde, na segunda metade do filme, será mostrado na conversa de Nando com a mãe. A questão quase se inverte, com a mãe, então, perguntando cadê meu filho? e todos nós, que no cinema vivemos a questão numa outra dimensão, percebendo o trágico que se esconde por trás da irônica sugestão de que para que tudo esteja bem basta deixar que *Seja o que Deus quiser!*

José Carlos Avellar



Filmografia de Murilo Salles

I - Longa-Metragem

2003. " SEJA O QUE DEUS QUISER!" - Ficção.

1996. "COMO NASCEM OS ANJOS" - Ficção.

com Larry Pine, Priscila Assum, Silvio Guindane, Ryan Massey, André Mattos e Maria Silvia.

. XXIII Festival de Cine Iberoamericano de Huelva . Espanha 1997

Prêmio 'Colón de Oro' Melhor Filme do Juri Oficial

. Festival de Gramado 1996

Melhor Filme do Juri da Crítica / Melhor Diretor / "Prêmio Especial do Júri" para os atores Silvio Guindane e Priscila Assum / Melhor Fotografia / Melhor Música / Melhor Montagem.

. Festival de Brasília 1996

Melhor Filme do Juri Popular / "Prêmio Especial do Júri" para os atores Silvio Guindane e Priscila Assum / Melhor Atriz coadjuvante para Maria Silvia / "Prêmio Andi" pelos direitos da infância / "Prêmio Saruê" de melhor momento do festival pelo Correio Brasiliense / "Prêmio Jangada" da OCIC - Organização Católica Internacional de Cinema

. "Contemporary World Cinema" . Toronto International Film Festival. 1996

. "Internationales Forum" - Berlim Film Festival. 1997

. Melhor Filme do Ano: "Associação Carioca de Críticos de Cinema"

. Melhor Filme do Ano: "Associação Paulista de Críticos de Arte"

. Melhor Filme e Diretor de 1996: (Prêmio da "Crítica" e do "Júri Popular") SESC SP1997

1989. "FACA DE DOIS GUMES" - Ficção.

com Paulo José, Marieta Severo, Flávio Galvão e José de Abreu.

. Prêmio Air France (Lumière) Melhor Diretor.

. Prêmio Golden Metais

Melhor Filme / Melhor Direção / Melhor Ator para Paulo José / Melhor Montagem / Melhor Roteiro / Melhor Música / Melhor Som.

. Festival de Gramado

Melhor Direção / Melhor Fotografia / Melhor Cenografia / Melhor Som (edição).

. Prêmio Sol de Ouro do VI Rio Cine Festival

Melhor Filme / Melhor Montagem / Melhor Música.

. "New Films, New Directors" Museu de Arte Moderna de New York [MoMA]

1984. "NUNCA FOMOS TÃO FELIZES" - Ficção.
com Roberto Bataglin, Cláudio Marzo e Suzana Vieira.

. Leopardo de Bronze Festival de Locarno - Suíça.
. Quinzena dos Realizadores Festival de Cannes - França.

. Festival de Brasília
Melhor Filme do Júri Oficial / Melhor Filme do Júri Popular / Melhor Roteiro e Fotografia.

. Festival de Gramado
Melhor Filme do Júri da Crítica / Melhor Roteiro / Melhor Fotografia

II - Documentário

2003. " ES TU BRASIL" , dois documentários de 52 minutos cada para exibição na TV Cultura e STV

1995. "TWO BILLION HEARTS" THE WORLD SOCCER CUP USA 94 - The Official Movie.
"Todos os Corações do Mundo" filme Oficial da FIFA sobre a Copa do Mundo de Futebol de 1994.

"Bronze Medal" : The New York TV Programming & Promotion Festival. 96